

FUNDAMENTOS PARA UMA LEITURA TEOLÓGICA DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

FOUNDATIONS FOR A THEOLOGICAL READING OF PROSPERITY THEOLOGY

BASES PARA UNA LECTURA TEOLÓGICA DE LA TEOLOGÍA DE LA
PROSPERIDAD

Fernando Cardoso Bertoldo
Doutor em Teologia
Faculdades EST
E-mail: nandobertoldo@hotmail.com

Oneide Bobsin
Doutor em Ciências Sociais
Faculdades EST
E-mail: obobsin@est.edu.br

Recebido em: 7 de outubro de 2023
Publicado em: 12 de maio de 2026

RESUMO

O presente artigo é parte de uma pesquisa de pós doutorado sobre uma leitura teológica da Teologia da Prosperidade. Para isso utilizamos fundamentações interdisciplinares a fim de agregar à leitura teológica da Teologia da Prosperidade abordando uma teologia acadêmica e também a sociologia. Em nosso entendimento, ela está assentada no sacrifício do dinheiro. Buscamos justificar essa hipótese através de contrapontos a forma de sacrifício do dinheiro com suporte em teólogos, tanto luteranos como Vitor Westhelle, quanto católicos, dentre eles Leonardo Boff e Claude Geffré e também nos ancorando em uma compreensão sociológica a fim de aprofundar a discussão. A contribuição do artigo consiste em apresentar as contradições que encontramos entre uma leitura neopentecostal do sacrifício, onde o dinheiro pode ser sacrificado, e cujo sacrifício deve partir de todas as pessoas, contrapondo-se ao que entendemos ser uma teologia acadêmica e sistemática, a qual apresenta o sacrifício de Jesus Cristo inaugurando, assim, a Teologia da Gratuidade.

Palavras-chave: Teologia da Prosperidade; Sacrifício; Gratuidade; Jesus Cristo.

ABSTRACT

This article is part of a postdoctoral research on a theological reading of Prosperity Theology. To this end, we used interdisciplinary foundations in order to add to the theological reading of Prosperity Theology by addressing both academic theology and sociology. In our understanding, it is based on the sacrifice of money. We seek to justify this hypothesis through counterpoints to the form of sacrifice of money, supported by theologians, both Lutherans such as Vitor Westhelle, and Catholics, among them Leonardo Boff and Claude

Gefreé, and also anchoring ourselves in a sociological understanding in order to deepen the discussion. The contribution of the article consists in presenting the contradictions that we find between a neo-Pentecostal reading of sacrifice, where money can be sacrificed, and whose sacrifice must come from all people, contrasting with what we understand to be an academic and systematic theology, which presents the sacrifice of Jesus Christ, thus inaugurating the Theology of Gratuity.

Keywords: Prosperity Theology; Sacrifice; Free; Jesus Christ.

RESUMEN

El presente artículo es parte de una investigación de posdoctorado sobre una lectura teológica de la Teología de la Prosperidad. Para ello, utilizamos fundamentos interdisciplinarios con el fin de enriquecer la lectura teológica de la Teología de la Prosperidad, abordando tanto la teología académica como la sociología. Según nuestro entendimiento, esta teología se asienta en el sacrificio del dinero. Buscamos justificar esta hipótesis a través de contrapuntos a la forma del sacrificio del dinero, con el apoyo de teólogos tanto luteranos, como Vítor Westhelle, cuanto católicos, entre ellos Leonardo Boff y Claude Geffré, anclándonos también en una comprensión sociológica para profundizar la discusión. La contribución del artículo consiste en presentar las contradicciones que encontramos entre una lectura neopentecostal del sacrificio - donde el dinero puede ser sacrificado y cuyo sacrificio debe partir de todas las personas - en contraposición a lo que entendemos como una teología académica y sistemática, la cual presenta el sacrificio de Jesucristo inaugurando, así, la Teología de la Gratuidad.

Palabras clave: Teología de la Prosperidad; Sacrificio; Gratuidad; Jesucristo.

Introdução

A temática da Teologia da Prosperidade (TP) está diretamente ligada ao neopentecostalismo, uma vez que nas igrejas neopentecostais são adotados os princípios da TP. Surgem dúvidas sobre as origens da TP, pois a TP encontra espaço nas lacunas das diferentes tradições religiosas cristãs, como também de outras tradições religiosas, quando se aborda a crise de sentido presente na sociedade contemporânea. Assim, “a sociedade moderna criou uma série de instituições especializadas na produção de sentido.”¹ Segundo Berger, “Em situações pré-modernas, há um mundo de certeza religiosa, ocasionalmente rompido por desvios heréticos. Ao contrário, a situação moderna é um mundo de incerteza religiosa,

¹ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do mundo moderno*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 70

ocasionalmente evitada por construções mais ou menos precárias de afirmação religiosa.”² Diante da crise de sentido contemporânea cabe destacar o pensamento de Touraine, para quem “o sujeito é vazio”. Ele continua explicando o que tal afirmação significa:

Quero dizer com isso que o concebo, inicialmente e antes de tudo, como luta de sobrevivência em face da enorme pressão da economia, do consumo, da cultura de massa e também do comunitarismo. Para mim, o sujeito é o olhar sobre o corpo individual, não-social, apenas vivo e sexuado³.

Com a citação acima começamos a introduzir aspectos da relação entre sobrevivência e economia, que estão presentes nos discursos religiosos neopentecostais, os quais referem-se, de fato, às diversas formas de opressão no cotidiano. O processo de invisibilização das origens sociais das dores narradas pelos pastores jogam o conflito para uma esfera mágico-religiosa, identificando-se com o neoliberalismo, segundo o qual a responsabilidade pela vulnerabilidade social é atribuída ao indivíduo sob o domínio dos demônios das pessoas que estão afastadas da Igreja e se tornam mais propensas a sofrer as consequências desse afastamento.

A relação entre sobrevivência e economia traz a questão do advento da modernidade com todas as questões implicadas com o nascimento do capitalismo. Assim, com o conflito entre pensadores que divergem entre o nascimento da pós-modernidade e o fim da modernidade, tomando como exemplo Jürgen Habermas em sua obra “Discurso filosófico da modernidade”⁴, falam de traumas e conflitos significativos que podem ser estendidos para Teologia tendo em vista que se falar em pós-modernidade é também retratar a dissolução da metanarrativa, referente a formação de uma identidade com princípios sólidos e, conseqüentemente, abandonar tantas conjecturas que a Teologia fez sobre Deus. Desta forma, seria impossível falar sobre Escatologia? Talvez não. Provavelmente vem a ser justamente nesse ponto que encontramos a apocalíptica, uma vez que nos deparamos com a dissolução da metanarrativa e, nesse momento, podemos entender o verdadeiro sentido da escatologia que não pode ser compreendido de maneira linearizada e lógica. Pensando na identidade dos homens e mulheres contemporâneos,

[...] seja pessoal ou coletiva, a identidade pressupõe significado; mas também pressupõe o processo constante de recapitulação e reinterpretação [...]. A identidade é a criação da constância através do tempo, a verdadeira união do passado com um futuro antecipado. Em todas as sociedades, a manutenção da identidade pessoal, e

² BERGER, Peter L. *Heretical Imperative: Contemporary Possibilities of Religious Affirmation*. Nova York: Doubleday, 1980. p. 28.

³ TOURAINE, Alain. *A busca de si*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2004. p. 34.

⁴ Cf. HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

sua conexão com as identidades sociais mais amplas, é um requisito primordial de segurança ontológica.⁵

Falar na relação entre modernidade e pós-modernidade implica em falar em traumas. Como o próprio Derrida descreve em sua filosofia, a tentativa de desconstruir a modernidade pressupõe sua existência, mas uma questão emergente é com relação ao fato de que quando falamos em pós-modernidade, na tentativa de desconstruir as contradições da modernidade, entramos em conflitos sobre a modernidade, ou até mesmo se a pós-modernidade passa a ser puramente uma análise da modernidade em sua tentativa de desconstrução. Assim,

[...] o comportamento coletivo é [...] o comportamento de indivíduos. É o mundo que se apresenta em separado a cada pessoa, o mundo com base no qual ela deve construir a sua vida individual. A descrição de qualquer civilização resumida em poucas dezenas de páginas deve necessariamente colocar em relevo as normas do grupo e expor o comportamento individual porque ele exemplifica as motivações dessa cultura [...] a sociedade e o indivíduo não são antagonistas. A cultura fornece a matéria-prima com a qual o indivíduo faz a sua vida.⁶

A partir disso refletivos sobre a questão do individualismo contemporâneo que nos levaria a pensar na redução da religião à esfera privada das pessoas partindo do fenômeno da secularização, mas hoje em dia, a tese da secularização ligada à morte da religião é bastante questionável, uma proposta que foi amplamente difundida pelo sociólogo Peter Berger e que posteriormente tentou provar o contrário do que defendeu antes. Também retomamos José Casanova que afirmava que haveria uma redução na influência da religião nas esferas sociais da vida pública, mas que não se confirmou. Na verdade, houve um aumento dos grupos religiosos como uma maior influência e participação na esfera pública, não ficando restrita às esferas da vida privada dos indivíduos, mas também convém reiterar que um dos aspectos associados ao fenômeno da secularização é referente a religião não ser uma forma balizadora de conflitos e soluções para problemas sociais como uma instância última a ser recorrida.

Diante do que expomos acima encontramos um contraponto na TP como uma forma de preencher lacunas deixadas pelas tradições religiosas cristãs e outras tradições religiosas, tendo em vista a mercantilização da fé sob o viés da TP, se tratando de uma religião de mercado a serviço de um deus, por assim dizer, que justifica um modelo econômico neoliberal. Nessa parte do artigo buscamos compreender essa dinâmica de mercado da TP, através de sua organização sistemática, religiosa, e, principalmente, teológica, para compreender essa mercantilização da fé dentro do que se denomina neopentecostalismo no Brasil.

⁵ GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 100.

⁶ BENEDICT, Ruth. *Padrões de cultura*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 171.

As relações humanas com Deus podem ser observadas de maneira fenomenológica ou de maneira religiosa. A relação fenomenológica depende da experiência individual prática. Já a relação religiosa depende de formulações institucionalizadas, que podem influir sobre a forma como as pessoas vivem a experiência divina, uma vez que o religioso atinge o homem através de mediações culturais. Existem inúmeras imagens de Deus, mesmo em uma única religião. A tendência, porém, é ajustar-se a uma imagem só, a predominante naquela religião, com o objetivo de encontrar uma representação coerente para a relação de Deus com o mundo.⁷

Para compreendermos a TP são abordadas as pregações das igrejas neopentecostais com um maior foco na IURD e Igreja Internacional da Graça de Deus. Percorremos sistematicamente: 1) Introdução a leitura Teológica da Teologia da Prosperidade; 2) O deslocamento teológico da TP.

Introdução À leitura Teológica da Teologia da Prosperidade

Comece hoje, agora mesmo, a cobrar dele tudo aquilo que Ele prometeu [...] O ditado popular de que 'promessa é dívida' se aplica também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na Sua Palavra é uma dívida que tem para com você [...] Dar dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que a Bíblia diz [...] Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores [...] Quem é que tem o direito de provar a Deus, de cobrar d'Ele aquilo que prometeu? O dizimista! [...] Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito ao dízimo e se transformaram em grandes milionários, como o Sr. Colgate, o Sr. Ford e o Sr. Caterpillar.⁸

A TP parte de uma dinâmica de mercado com ênfase na riqueza, saúde e prosperidade, partindo do princípio de quem pagar o dízimo conseguirá atingir os seus objetivos partindo do princípio de crer para ter. Esse lógica teológica da TP não parte de um princípio transformador, gradual, e sim é imediatista e em muitos aspectos visa o lucro e riqueza material. Diante disso,

Não importa que estejamos negociando com Deus. Não há ninguém melhor para se negociar. Ele é justo, bondoso e quer o melhor para nós. Ele não visa apenas lucros 'pessoais' e sempre cumpre a Sua Palavra. Pense bem o leitor se há alguém melhor com quem possamos 'negociar'.⁹

A TP acredita em outra concepção de Deus que se distingue das concepções teológicas que se sustentam na gratuidade divina. Parte da inversão de papéis no que diz respeito às relações entre o Ser humano e Deus, uma vez que Deus está a serviço das pessoas

⁷ DILON, Gláucio Ary; RAMOS, Paola Novaes. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, v. 23, n. 1, 2003. p. 39.

⁸ Cf. MACEDO, E. *Vida com abundância*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001. p. 36; 54; 79; 84.

⁹ SOARES, R. R. *As bênçãos que enriquecem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graça, 1998. p. 82.

e não mais o contrário, onde o Ser Humano estaria à serviço de Deus. Para justificar esse linha de pensamento concordamos com Touraine, para quem o Sujeito se define como não-social. Sujeito é *desejo*. Sujeito é *luta*. Sujeito é *busca*. Sujeito é *força* (orientado para si próprio). Sujeito é *resistência*. Sujeito é *capacidade*. Sujeito é *procura*. Sujeito é *cuidado*. Sujeito é *defesa*. Sujeito é *liberdade*. Sujeito é *negação*. Sujeito é *força criadora*. Sujeito é *libertação*. Sujeito é *amor*. Sujeito é *rejeição*.¹⁰ Afirma Touraine que: “Quando digo o sujeito é vazio, quero dizer que o sujeito só se torna pleno ao tornar-se ator social ou ator de uma relação interpessoal, mas sem nunca perder a relação do Eu¹¹ ao eu”.¹² É relevante entender a relação entre *sujeito* e *ator*, dois conceitos cujos sentidos não podem ser separados ou desconectados. “Sujeito é o desejo de ser ator, e o ator é sempre ‘social’, não um ator no vazio”.¹³ Para Alain Touraine,

A subjetivação é o contrário da submissão do indivíduo a valores transcendentais: o homem se projetava em Deus; doravante, no mundo moderno, é ele que se torna o fundamento dos valores, já que o princípio central da moralidade se torna liberdade, uma criatividade que é seu próprio fim e se opõe a todas as formas de dependência.¹⁴

Diante disso percebemos que com esse processo Deus passa a estar a serviço do Ser humano e não mais o Ser humano a serviço de Deus encontrando possíveis dissonâncias com Teologia acadêmica que diverge da TP. Quando falamos em Teologia acadêmica nos referimos a uma teologia que transita entre a linguagem comum, cotidiana e a linguagem científica condicionada às regras pautadas pela própria comunidade científica, apresentando uma linguagem própria. Usa a linguagem da fé e quer provocar no ouvinte uma ação à luz da fé, esclarecida pelo teólogo, nesse contexto, nas tradições religiosas cristãs que visam a transformação de forma gradual e processual na comunidade de fé. Tendo em vista as considerações feitas, cabe repensar as origens do diálogo entre teologia e ciência devido ao fato de se falar não só da *possibilidade* de diálogo entre teologia, ciência e cultura do povo, mas também da *necessidade* desse mesmo diálogo, especialmente no contexto atual, onde a teologia no ambiente público pode contribuir para debates relevantes e importantes.

¹⁰ Estas palavras qualificadoras não foram inventadas. Numa leitura atenta dos textos de Touraine, o leitor as encontra. Estas palavras, em si e por si, não possuem conteúdo social. Todas estas têm o sentido de significarem o que Touraine entende ser sujeito.

¹¹ O Eu maiúsculo significa o desejo de ser, o sujeito, sem conteúdo social. O eu minúsculo representa o indivíduo, que não se identifica com o sujeito, mas as duas noções não podem ser separadas. Indivíduo também não se identifica com ator.

¹² TOURAINE, 2004, p. 35.

¹³ TOURAINE, 2004, p. 35.

¹⁴ TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 223

Diante disso falar em um cristianismo a-religioso em mundo tornado adulto partindo de Bonhoeffer, pressupõe diversos aspectos que não necessariamente implicam na exclusão de Deus do contexto da existência humana, tendo em vista que o mundo passa a ser um lugar de reencontro com a unidade. Nessa perspectiva podemos refletir sobre a relação de dialogicidade entre o Ser Humano e Deus, uma vez que a humanidade atinge a vida adulta e assim se estabelece uma nova relação entre Deus e a humanidade.

De acordo com Bonhoeffer, Jesus Cristo não virá para julgar a humanidade e, sim, tem um papel de conciliador, uma vez que da mesma forma que existe um ser humano que vive no conflito transitando entre o Bem e o Mal, também há as pessoas em Cristo que terão seu juízo revertido para o bem do outro.

O fenômeno da *subjetivação da fé* faz com que não só um crescente número de cristãos, mas também os seminaristas, manifestem menor sensibilidade ao conjunto global e objetivo da doutrina da fé. Preferem uma adesão subjetiva ao que agrada, ao que corresponde à própria experiência.¹⁵

Diante disso cabe mencionar o fato de que a secularização é vista de modo negativo dentre os contextos religiosos, uma vez que isso implica em reduzir a importância da religião em questões associadas a decisões que visem o bem estar social não tendo um poder de decisão como outras esferas governamentais podem ter.

Discutir sobre a secularização pode ser associado a refletir sobre o processo de esclarecimento e de autonomização dos homens e das mulheres em um mundo tornado adulto, e não necessariamente em se falar em uma contraposição à fé cristã.

Portanto, “É bastante duvidoso que a última palavra do espírito seja ‘ordem’, a despeito de ‘desordem’ ser algo pouco aprazível”.¹⁶ Na atualidade, o fenômeno da secularização desempenha um papel significativo, embora isso traga importantes questionamentos tais como a influência da religião na esfera pública, impacto social na vida das pessoas e a relação das tradições religiosas com o Estado Laico que implica na liberdade religiosa e não influência nas decisões governamentais. Falar em morte da religião, por exemplo, é uma temática muito complexa, uma vez que em regiões como a África e a Ásia a religião ocupa um papel central na vida pública. Até mesmo na Europa, que era considerada o berço da secularização nos escritos de Max Weber, são discutíveis, tendo em vista que mesmo com o esvaziamento das congregações tradicionais, a TP cresce como uma forma de preencher lacunas e proporcionar sentido a muitas pessoas em contexto de crise social e

¹⁵ ZILLES, Urbano. *Formação intelectual dos futuros presbíteros*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 14-15.

¹⁶ KÄSEMANN, E. *Der Ruf der Freiheit*. Tübingen, 1968, p. 75 apud: BRANDT, 1985, p. 42.

vulnerabilidade. Desta forma, se torna um assunto central diante da crise religiosa contemporânea nas congregações tradicionais, abrindo espaços para tradições como o neopentecostalismo que preenchem o vazio gerado pela crise religiosa contemporânea, substituindo o sofrimento da cruz pelo dízimo.

O que realmente as amedronta é o fato de que com isso, perdemos o Deus transcendental que garante o significado do Universo, o Deus como Mestre oculto que manipula os fios - em vez disso, temos um Deus que abandona essa posição transcendente e se atira em sua própria criação, envolvendo-se nela totalmente até morrer, de modo que nós, seres humanos, perdemos o Poder superior que nos observa e somos deixados apenas com o terrível fardo da liberdade e da responsabilidade pelo destino da criação divina, e, desse modo, do próprio Deus.¹⁷

Com o afastamento de muitas pessoas das tradições religiosas com maior respaldo acadêmico, surgem outros entendimentos sobre o conceito de bem estar social e prosperidade que encontram fonte de sentido na TP. Diante disso avanço da TP não pode não ser observado tendo em vista o número crescente de igrejas neopentecostais que adotam o princípio de um Deus Cristão diretamente vinculado às questões de prosperidade, uma vez que ser bem sucedido financeiramente requer a aprovação de um deus acionável e subserviente, assim as diferenças entre a TP e a conhecida Teologia da gratuidade encontrada na Bíblia ficam mais evidentes. Contrapondo-se a isso, Zizek afirma que “o legado cristão autêntico é precioso demais para ser deixado aos fanáticos fundamentalistas”¹⁸ Nos referimos ao fundamentalismo da TP na medida que os pastores neopentecostais não precisam passar por uma formação teológica acadêmica e existe uma retidão de pensamento que dificilmente questiona os parâmetros dessa forma de Teologia. É importante questionar sobre a leitura que a TP faz da Bíblia, ao passo que não assume a gratuidade e, sim, negócios, saúde e riqueza.

Deus deseja que Seus filhos gozem de perfeita saúde física tanto quanto de excelente vida espiritual [...] Para viver plenamente a vida abundante e receber, conseqüentemente, a cura de todas as enfermidades, um dos passos mais importantes é saber que o tempo dos milagres não passou. Nos tempos bíblicos, os doentes eram curados, os leprosos eram purificados, os paralíticos andavam e os cegos passavam a enxergar. Esses milagres continuam a acontecer atualmente, porque o nosso Deus é o mesmo e Ele jamais muda!¹⁹

A TP está na base da vivência de cristãos neopentecostais que utilizam princípios similares aos aspectos mecânicos da Teologia da Retribuição que é uma perspectiva teológica que se baseia na ideia de que as ações humanas, sejam boas ou más, são recompensadas ou

¹⁷ ZIZEK, Slavoj. MILBANK, Jonh. *A monstruosidade de Cristo: Paradoxo ou dialética*. São Paulo: Três Estrelas, 2014. p. 36.

¹⁸ ZIZEK, Slavoj. *O Absoluto frágil*. Ou por que vale a pena lutar pelo legado cristão? São Paulo: Editora Boitempo, 2015. p. 27.

¹⁹ MACEDO, E. *Estudos bíblicos*. Rio de Janeiro: Universal, 2000. p. 104.

punidas por Deus. Em essência, ela sugere uma relação de causa e efeito entre o comportamento humano e a consequência divina, que surgiu antes da TP. A TP se desenvolve a partir de um funcionamento mágico que é preciso crer para ter. Ela parte do princípio da fidelidade a Deus, tendo em vista que quem for fiel prosperará. Como dissemos anteriormente, a fragilidade da TP está da ausência de criticidade tanto por parte dos fieis como também por parte de muitos pastores que devido a objetividade e imediatismo da TP não faz a crítica dessa forma de Teologia.

Em obras de um dos principais nomes do neopentecostalismo no Brasil, Edir Macedo, relata-se claramente que quem não pagar o dízimo não será abençoado e assim cairá em desgraça. Diante disso é possível perceber as relações existentes entre a TP e uma busca por riqueza, se contrapondo aos ensinamentos bíblicos e não encontrando respaldo na teologia acadêmica.

O capitalismo deve ser visto como uma religião, isto é, o capitalismo está essencialmente à serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta. A demonstração da estrutura religiosa do capitalismo, que não é só uma formação condicionada pela religião.²⁰

Touraine afirma que o indivíduo quando deixa de ser sujeito e ator e se torna um reduzido indivíduo consumidor, que deixa se envolver pelo seu ambiente social, “[...] é verdadeiramente a expressão de uma dominação social.”²¹ Para que o indivíduo não seja reduzido a consumidor e verdadeiramente afirme-se como sujeito, que seria um processo mais defensivo do que conflituoso, “[...] deve impor-se mediante contra-ataques ao espaço público, o que acarreta um conflito com as forças econômicas e com o poder”.²² Touraine distingue, portanto, indivíduo de sujeito e ator.

O sujeito não é um indivíduo concreto. Um indivíduo pode ou não se comportar como sujeito. No centro, deve-se situar o vazio, não as normas; portanto, o ser humano na condição de sujeito em face de si mesmo. (...) capacidade de se olhar. [...] Se me deixo distrair, então todo o espaço interior é preenchido. É preciso que eu me afaste de minhas atividades, de minhas distrações, de meus deveres para definir minha relação comigo.²³

Após apresentarmos a perspectiva TP com base na leitura de Touraine, onde existe um constante empoderamento do Ser humano pós-moderno na sociedade de consumo,

²⁰ BENJAMIN, Walter apud SUNG, Jung Mo. Mercado religioso e mercado como religião. Revista Horizonte – Dossiê: Religião, Mercado e Mídia. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 290-315, abr./jun. 2014.

²¹ TOURAINE, 2004, p. 33.

²² TOURAINE, 2004, p. 36.

²³ TOURAINE, 2004, p. 97.

começamos a estabelecer as relações entre sobrevivência e economia que vão estar na base da TP tendo em vista que a TP fala em uma forma de salvação mundana em que se salvar implica em prosperar e enriquecer, assunto a ser aprofundada ao longo do texto.

Diante disso buscamos dialogar com outros autores como Rubem Alves uma vez que ele escreveu sobre a linguagem da fé que entendemos ser um contraponto a TP ao passo que Rubem Alves buscou uma linguagem teológica associada a uma síntese entre o humanismo político e a teologia da graça protestante ao mesmo tempo, que os dois polos acabam por se diluir tendo em vista as contradições e a inviabilidade de um diálogo entre os dois posicionamentos, uma vez que a teologia da graça protestante rejeita o momento presente e se preocupa unicamente com o futuro e o humanismo político mantém todo foco no contexto social, rejeitando a religião. Rubem Alves, ao propor essa nova linguagem da fé por meio da síntese e dissolução de dois polos incompatíveis, desenvolve uma perspectiva de humanismo messiânico no qual o crente se preocupa com a salvação sem perder de vista o contexto social em que está inserido²⁴.

O autor propõe uma nova perspectiva teológica ao fazer uma crítica à forma como o protestantismo se comportou ao longo da história. Conclui que a teologia da graça protestante tende a castrar o espírito criativo do homem na história, pois o impede de olhar para sua condição no momento presente, da mesma forma que também percebe que as tendências do humanismo político não tem espaço no contexto teológico, tomando por base suas tendências ateístas e também que não é capaz de resolver sozinho o problema da sociedade contemporânea com sua leitura puramente sociológica²⁵.

Conceituar teologia está diretamente relacionado a se falar de Deus nas diversas formas de culto, oração para assim dar glória a Deus enquanto doxologia em um sentido mais amplo. Já em um sentido mais estreito, significa basear-se em um reflexão responsável no que concerne a aspectos metodológicos assim usando uma linguagem descritiva. As pessoas de um modo geral podem fazer teologia das duas formas, seja pela forma conceitual, seja pela forma metodológica. Mas também cabe ressaltar que na formação teológica tradicional os teólogos tendem a fazer uso das ferramentas metodológicas para se fazer uma reflexão teologicamente responsável com engajamento em perspectiva social. O que também não exclui fazer teologia de forma conceitual tendo em vista que os teólogos podem se aproximar da linguagem do crente também para que seja possível vivenciar a teologia em comunidade

²⁴ Cf. ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas: Papirus, 1987.

²⁵ Cf. ALVES, 1987.

através do diálogo com os fiéis que não têm uma formação teológica. Para isso podemos fazer uma reflexão a partir da Escritura respeitando a leitura que a Teologia acadêmica faz da gratuidade presente na bíblia.

Segundo Geffré, “a teologia é, inseparavelmente, hermenêutica da Palavra de Deus e hermenêutica da existência humana. A teologia se torna hermenêutica à medida que compreende que toda afirmação sobre Deus implica uma afirmação sobre o homem.”²⁶ O teólogo faz uma hermenêutica da fé e deve ir além dos enunciados dogmáticos, pois a teologia deve não ficar atrelada unicamente aos dogmas e, sim, fazer uma permanente interpretação e reinterpretção da Escritura trazendo ela para os dias atuais. Desta forma, a teologia deve conciliar a realidade da humanidade com os ensinamentos da Escritura por meio da hermenêutica. Pensamos que a experiência trinitária desvela-se na descoberta de uma nova postura diante do outro, que remete a uma dimensão *genuína* de inclusão respeitosa das diferenças. É a reciprocidade fundamental de um bem-querer que ultrapassa o simples “agrado religioso” e aventura-se pela parceria inter-religiosa, que possibilita uma “melhor inteligência da própria identidade” e uma experiência transparente da fé. Tal experiência não é privilégio da tradição cristã, mas é perceptível no testemunho das diversas religiões, ao seu modo e nas suas próprias categorias.

Após essa explicação teológica com base na teologia acadêmica que visa uma hermenêutica profunda da Escritura, percebemos que a compreensão cristã de salvação parte de um futuro vindouro que ainda não se estabeleceu. Contrariamente a isso a TP acredita em uma Escatologia mundana, onde é possível a salvação no momento presente, não se preocupando com o que está por vir, como entende ser o foco da tologia acadêmica, assim a seguir introduziremos a Escatologia do cotidiano que segundo nossa leitura está da base da TP.

Um deslocamento teológico

A escatologia do cotidiano parte de uma perspectiva totalmente diferente da compreensão que temos da escatologia dentro da perspectiva bíblica, pois ocorre uma antecipação do que aconteceria futuramente para o imediato agora, se tratando de um tema central para nas questões referentes à TP. Segundo Moreira,

²⁶ GEFFRÉ, 2004, p. 30.

O neopentecostalismo, com sua escatologia intramundana, sua estética fragmentada e eclética, sua mensagem de contínua mobilização positiva, seu não questionamento das estruturas de funcionamento da economia e da política, seu marketing agressivo e sua mística da guerra espiritual contra as forças do mal e do demônio, parece ser a mensagem religiosa mais adaptada às características sócio culturais da sociedade capitalista periférica ou emergente. Também aí se exige dos indivíduos, constantemente ameaçados de descenso social ou miserabilidade, uma racionalização dos seus recursos, otimização das próprias forças, coragem de arriscar, uma racionalidade pragmática que não é contrária, mas muitas vezes inclui e funcionaliza a própria magia.²⁷

Além disso, em toda devoção, em todo altar, o centro de culto não é outra coisa senão a própria sociedade. Em última instância, a sociedade cria o sagrado. Paralelamente a isso

[...] reside na objetivação e na oficialização de fato levados a cabo pela nomeação pública, diante de todos, e cujo principal efeito consiste em extrair a particularidade [...] do impensado ou até mesmo do impensável [...]; esta oficialização encontra sua plena realização na manifestação, ato tipicamente mágico [...] através do qual o grupo prático, virtual, ignorado, negado, reprimido, torna-se visível, manifesto, tanto para os outros grupos como para si mesmo, atestando sua existência enquanto grupo conhecido e reconhecido, e afirmando sua pretensão à institucionalização. O mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto.²⁸

De acordo com Campos, a TP “[...] é uma criação de agentes e instituições especializadas no campo religioso”²⁹, e, segundo Otto Maduro, é uma “produção bem-sucedida.”³⁰ Assim, utilizando marketing, essa teologia possui grande capacidade de cooptar adeptos e de gerar mudanças notáveis nas ações sociais de seus fiéis.

Segundo Hagin, “o cristão não precisa ir para o céu para desfrutar dos seus direitos e privilégios que tem em Cristo, mas pode desfrutar aqui e agora nesta Terra”.³¹ Hagin acreditava que a razão de os cristãos não alcançarem a vitória financeira é porque vivem em descrença e têm uma fé obstruída; sendo assim, a falta do conhecimento e dos direitos na redenção é o maior inimigo da fé.³²

O desejo da humanidade em ser fiel aos desígnios divinos tem suas raízes na comunidade primitiva, mas vale ressaltar que a comunidade primitiva não estava interessada

²⁷ MOREIRA, Alberto da Silva. As Muitas Faces do Pentecostalismo. *Anais do Simpósio Nacional do CEHILA*, Goiânia, UCG, 2005. p. 5.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 112.

²⁹ CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado*. Organização e Marketing de um empreendimento neopentecostal. São Paulo: Vozes, 1997. p. 376.

³⁰ MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 138.

³¹ HAGIN, Kenneth. Compreendendo como combater o bom combate da fé. Rio de Janeiro: Graça, 2002a, p. 53-54.

³² HAGIN, 2002, p. 9.

em uma defesa apologética, uma vez que isso presumiria defender o passado. A preocupação da comunidade primitiva era demonstrar a revelação do momento presente e, assim, provocar as pessoas a serem fiéis a Deus. Nossa crítica parte do princípio de que a ideia é entender, então, “a cruz como tribulação.” A mudança das regras medievais do fazer teológico, de *lectio, oratio* e *contemplatio* para *oratio, meditatio* e *tentatio*, indica a razão do entendimento da cruz como tribulação. Isso porque a “*tentatio*”, introduzida por Lutero, é a própria tribulação que um teólogo ou teóloga da cruz passa quando busca “dizer as coisas como elas são”³³, que é, entretanto, o que cabe a quem tenta fazer teologia da cruz. A *tentatio*, ou a tribulação, então, é um aspecto importante da teologia que Lutero quer produzir e instruir.

Westhelle trata de uma busca particular de Lutero: encontrar um Deus misericordioso e entender a sua justiça. Lutero lidava com a ideia de um Deus “aterrorizador”³⁴, e era, ele mesmo, carregado por um sentimento de culpa. Podemos resumir a angústia de Lutero a respeito da justiça de Deus no seguinte questionamento: “como Deus pode ser justo e, ainda assim, ser um Deus amoroso?”³⁵ E aqui é importante ressaltar um princípio jurídico lembrado pelo autor: “o *suum cuique* (a cada um o seu).”³⁶ Isso significa que, se tenho uma dívida, e de fato a temos, ou pagamos ou somos punidos por ela. Outros questionamentos que perturbavam Lutero vão aparecer, como: “[...] quem fará agora o pagamento pelo fato de a humanidade ter matado o próprio Filho de Deus?”³⁷ Entender esta busca de Lutero é importante para entender a sua Teologia. A resposta que o reformador encontrou foi exposta assim: “Eis a nova definição de justiça [...]: justiça é o conhecimento de Cristo.”³⁸ Ter conhecimento de Cristo é saber que existe uma troca na vinda redentora de Cristo: nós no lugar dele e ele em nosso lugar. E os dois lados desta troca são deveras importantes de serem reconhecidas. Lutero vai, então, contra a compreensão de justiça mais difundida de sua época, o “*suum cuique*”, basicamente dizendo: “para nós o que não é devido a nós [mas vem como uma dádiva].”³⁹

Após apresentarmos uma leitura da Teologia da Cruz na perspectiva de Lutero é possível perceber que o sacrifício é único e parte de Jesus Cristo, o que inaugura a teologia da gratuidade, contrariamente a isso, a TP acredita que o sacrifício deve partir de todos,

³³ WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008. p. 49.

³⁴ WESTHELLE, 2008, p. 50.

³⁵ WESTHELLE, 2008, p. 52.

³⁶ WESTHELLE, 2008, p. 52.

³⁷ WESTHELLE, 2008, p. 52.

³⁸ WESTHELLE, 2008, p. 53.

³⁹ WESTHELLE, 2008, p. 54.

consumado no pagamento do dízimo. Diante disso fica clara a distinção entre a gratuidade presente na Bíblia em que o sacrifício já se realizou, e a interpretação que a TP faz do sacrificio em que todos devem sacrificar o dízimo como forma de se salvarem no contexto de uma salvação mundana. Para Edir Macedo, dízimo é:

Uma contribuição estritamente voluntária na qual o dizimista assume um compromisso diante de Deus em colaborar com a Sua Igreja. Em troca, Deus lhe promete abrir as janelas do céu e derramar bênçãos sem medida [...] qualquer pessoa pode dar o seu dízimo na Igreja Universal do Reino de Deus. Não é um privilégio apenas dos membros e nem deve ser considerado como um pagamento, do qual se exija recibo, pois dado voluntariamente [...] e não existe nenhuma pena ou disciplina para aquele que não contribui dessa forma [...]. É claro que a partir do momento em que a pessoa rouba a Deus, então ela passa a ter crédito com o devorador. E esse devorador jamais sairá da vida dela enquanto ela não acertar a sua vida com Deus [...] Nunca alguém amou a outrem sem que expressasse o seu amor com um presente, uma oferta; e a qualidade de oferta que se dá exprime a qualidade do amor que se tem.⁴⁰

Nessa linha de pensamento a aposta de Hinkelammert é que o jogo seja dominado pelo projeto liberal: “interesses e iniciativas individuais quando não atrapalhados por intervencionismos e deixados em completa liberdade são a única matéria-prima disponível no progresso da história.”⁴¹ Edir Macedo ressalta bem essa troca afirmando que:

é bem claro que a lei de dar para receber não é apenas uma lei física; é também uma lei espiritual e nem o próprio Deus escapou dessa lei, quando deu o seu Filho, portanto, dar o dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida. É preço a ser pago⁴².

Assim percebemos que a relação da troca e da barganha se justifica em uma leitura sociológica e antropológica segundo a interpretação de Mauss, mas não é justificável segundo a leitura feita com base na Teologia da Gratuidade, inaugurada com um único sacrifício irrepitível. Marcel Mauss, influenciado pelos estudos de Durkheim, investigou os rituais que envolviam “Dádiva”⁴³ e “Sacrifício”⁴⁴ em sociedades primitivas. O ato sacrificial religioso é uma forma de contrato com o divino no qual se estabelece uma troca entre fiel e figura divina. O elemento de uma vítima viva e a comunicação entre mundo profano e mundo sagrado são características importantes do sacrifício. Segundo Macedo:

⁴⁰ CAMPOS, 1997, p. 234.

⁴¹ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: ensaio sobre Economia e Teologia. Série V: desafios da vida na sociedade.* São Paulo: Vozes, 1989, p. 40.

⁴² CAMPOS, 1997, p. 232.

⁴³ MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia.* v. II. São Paulo: Edições 70, 2008.

⁴⁴ MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício.* São Paulo: Cosac & Naify, 2005. p. 83-109.

O sacrifício de sangue é o preço pago por algo que realmente vale a pena. Tudo na vida tem o seu preço ou o seu valor, e ninguém consegue adquirir coisa alguma sem que pague o seu preço. (...) o preço da salvação de alguém custou a vida do Senhor Jesus, mas isto não significa que ele está definitivamente salvo, absolutamente não! O Senhor Jesus nos salvou sacrificando-se a Si mesmo. Todavia, para que possamos conservar ou manter esta salvação, temos que pagar o nosso próprio preço. Ele mesmo disse isto, em outras palavras, quando afirmou: '... quem não toma a sua cruz e vem após mim, não é digno de mim' (Mateus 10.38). Tomar a cruz e ir após Ele é, nada mais do que conservar a salvação, pagando o preço da renúncia da sua própria carne ou vontade a cada dia.⁴⁵

Nas pregações da TP dois aspectos centrais estão relacionados às questões norteadoras, como a saúde e a prosperidade. O fiel deve gozar de boa saúde e prosperidade, se tratando de dois pilares centrais dessa teologia. Assim, o ato de crer se torna poder, sendo uma das questões centrais da confissão positiva, tema apresentado por Hagin, e que está sendo abordado no presente artigo. Para Macedo,

[...] o estudo das alianças com Deus pretende colocar o seguidor de Cristo a par de seus deveres, obrigações e privilégios como aliado de Deus, [...] mas, sobretudo, prepará-lo com uma base de fé, de tal forma que venha a ser um conquistador em potencial para a glória de Deus.⁴⁶

Assim, se por acaso tais desejos não são alcançados, a culpa pode estar vinculada ao fiel por uma possível falta de fé, uma vez que o fiel pode atingir os desejos sonhados, cabendo ao pastor abençoá-lo e empoderá-lo para atingir suas tão desejadas conquistas. Segundo Hagin:

Nós, como cristãos, não precisamos sofrer reveses financeiros; não precisamos ser cativos da pobreza ou da enfermidade! Deus proverá a cura e a prosperidade para seus filhos se eles obedecerem aos seus mandamentos... Deus quer que seus filhos tenham o melhor de tudo [...] Ele [Deus] nos deu, individualmente, um cheque assinado, dizendo: "Preencha-o". Deus nos um cheque assinado, cobrável aos recursos do céu.⁴⁷

Contrariamente a isso, ancorados em Westhelle e sua obra "O Deus Escandaloso" relacionado a sua crítica a Lutero, o autor apresenta que contra a compreensão escolástica de sua época, que sugeria que a razão era levada à perfeição pela fé, Lutero defendia que a fé pressiona a razão até seu limite "[...] até o ponto em que ela não funciona mais e tem que ser abandonada em troca daquilo que ele chama de fé."⁴⁸ Ou seja, o "escândalo da cruz"⁴⁹ só faz sentido se, no final das contas, não fizer sentido racionalmente, mas só através da fé. Entender o sofrimento, a cruz e a morte também são cruciais para se iniciar o labor teológico. E a

⁴⁵ MACEDO, Edir. *Aliança com Deus*. Rio de Janeiro: Universal, 2001. p. 17.

⁴⁶ MACEDO, 2001, p. 8.

⁴⁷ HAGIN, Kenneth. *É necessário que os cristãos sofram?* Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1990. p. 39.

⁴⁸ WESTHELLE, 2008, p. 59.

⁴⁹ WESTHELLE, 2008, p. 61.

resposta não está na lógica da economia, e sim no entendimento da graça. Devemos aceitar como dádiva que é dada sem esperar de nós nada em troca. Dar algo em troca, inclusive, destrói essa noção de graça. Pois é “em face da morte que a vida é uma dádiva; é em face da cruz que a ressurreição é uma palavra de graça. É no sofrimento que a salvação (saúde) é recebida gratuitamente.”⁵⁰ Para Lutero a teologia deve ser trabalhada em um contexto de fé.

Westhelle ainda traz à luz a discussão a respeito da abscondidade de Deus em Lutero. Deus estaria abscondido na cruz e atrás da cruz, ao mesmo tempo. “Esse duplo sentido que se encontra em Lutero não representa opções alternativa para a interpretação. Ambos são válidos.”⁵¹ Segundo Westhelle, se Deus está oculto na cruz, então ele participa da paixão de Cristo, mas se Ele também está oculto atrás da cruz, a sua majestade e poder não são afetados pela cruz. Assim encontramos contrapontos entre o sacrifício único de Jesus Cristo e o sacrifício que deve ser feito por todos segundo a TP através do pagamento do dízimo. Na citação abaixo podemos observar as inversões de valores associadas a uma leitura tradicional da religião.

Nas palavras de Ricardo Mariano:

Esta teologia está operando e promovendo forte inversão de valores no sistema axiológico pentecostal. Faz isso ao enfatizar quase que exclusivamente o retorno da fé nesta vida, pouco versando acerca da mais grandiosa promessa das religiões de salvação: a redenção após a morte. Além de que, em vez de valorizar temas bíblicos tradicionais de martírio, auto-sacrifício, isto é, a “mensagem da cruz” – que apregoa o ascetismo (...) e a perseverança dos justos no caminho estreito da salvação, apesar do sofrimento, das injustiças e perseguições promovidas pelos ímpios contra os servos de Deus –, a Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos.⁵²

Seu crescimento acelerado chama a atenção de outros grupos religiosos, tendo em vista que atinge aos mais variados grupos sociais, e assim atrai todos os segmentos sociais. A forma como a TP atua é bastante sedutora tendo em vista suas propostas de riqueza, saúde e prosperidade externa e social.

Assmann ironicamente acredita que:

Aliás, ela funciona muito melhor quando a gente nem se dá conta de que está realizando atos devocionais e tendo experiências de caráter religioso. O deus dessa ‘religião econômica’ detesta aparecer, é de uma infinita modéstia, apesar de estar ativo, tão poderosa e providencialmente, em tudo o que se refere à economia.⁵³

⁵⁰ WESTHELLE, 2008, p. 62.

⁵¹ WESTHELLE, 2008, p. 69.

⁵² MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 158.

⁵³ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J., 1989., p. 177

Assim a TP é bastante imediatista e não parte de um princípio transformador, tendo em vista que seus objetivos podem estar relacionados à construção de riqueza, saúde e prosperidade. Um aspecto central na Bíblia diz respeito às regras associadas à consciência israelita relacionada às questões de catástrofes e como estavam associadas aos devidos culpados diante de situações de culpabilidade.⁵⁴ Isso gerava celebrações litúrgicas associadas a arrependimentos do povo israelita para com Deus que partiam do pressuposto de um pecado coletivo. Em alguns relatos presentes na Bíblia, como sobre a “Derrota de Israel” em Js 7 e em outras perícopes,

O negócio que Deus nos propõe é simples e muito fácil: damos a Ele, por intermédio da sua Igreja, dez por cento do que ganhamos e, em troca, recebemos d’Ele bênçãos sem medida. [...] Quando damos as nossas ofertas para a obra de Deus, estamos nos associando a Ele em seus propósitos. É maravilhoso saber que Deus deseja ser nosso sócio e que podemos ser sócios de Deus em sua missão de salvar o mundo. Ser sócios de Deus, significa que nossas vidas, nossas forças, nossos dons e nosso dinheiro, passam a pertencer a Deus, enquanto, suas dádivas, como a paz, alegria, felicidade e prosperidade passam a nos pertencer.⁵⁵

No Brasil, o neopentecostalismo é dirigido por uma organização que não passou por uma formação teológica acadêmica. Essa é uma questão a ser discutida, pois assumem comandos religiosos e nem passam pela formação de teólogo. Isso está relacionado a acreditarem que são ungidos de Deus.⁵⁶ Acreditam que são autoridades espirituais porque foram capacitadas por Deus para seguirem o ofício de pastores das Igrejas neopentecostais. Esses pastores têm uma habilidade de fazer proliferar os membros de suas igrejas cooptando fiéis de uma forma muito eficiente através de diálogos, de maneira bastante informal, através das promessas de riqueza, saúde e prosperidade para quem for fiel a esse deus de mercado econômico. Na perspectiva de Giddens,

Com o advento da modernidade, a reflexividade assume um caráter diferente. Ela é introduzida na própria base de reprodução do sistema [...] A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter.⁵⁷

Em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, Weber explica como a Reforma Protestante influenciará não só as instâncias religiosas, mas o *ethos* social, político e econômico da nascente modernidade. Weber aborda a religião para explicar como o sistema

⁵⁴ Cf. RAD, Gerhard von. *Sabiduria em Israel: Provérbios, Jó, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabiduria*. Madrid: Crisandad, 1980. p. 248.

⁵⁵ SOARES, 1998, p. 63.

⁵⁶ Cf. HANEGRAAFF, Hank. *Cristianismo em crise*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 395-397.

⁵⁷ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991. p. 45.

capitalista não se restringe a um sistema econômico, mas que justamente o sistema econômico é parte de uma lógica social que influencia as ações dos indivíduos se tratando de uma ética intramundana em que a religião e economia estão vinculadas a escatologia do cotidiano.

As doutrinas religiosas de confessionalidade protestante, segundo o sociólogo, favorecem a produção de excedentes, gerando o acúmulo de capital. Weber não engessa a causalidade entre o surgimento do protestantismo e consequente estabelecimento do capitalismo. Mas, argumenta que valores ligados ao individualismo, sucesso a partir do trabalho, garantia à propriedade privada e liberdade de ação só foram possíveis de serem construídos a partir do ascetismo presente em algumas confessionalidades protestantes, como o calvinismo. A vocação para o trabalho e o sacerdócio universal substituíram os ritos místicos de Salvação e Sacrifício, presente na tradição Católica.

O que estamos sugerindo é que o dogma trinitário é relacional, puro, harmônico, é revelador, e até certo ponto constrangedor, pois a maravilhosa comunhão entre Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito, incita a desenvolver um olhar menos incisivo, fechado, religioso (no sentido negativo de quando assume uma forma fanática de pensar e agir) sobre a vida em todas as suas esferas. Se observarmos atentamente, podemos, sem reservas, atribuir que o pensamento trinitário não é senão uma resposta de Deus aos problemas egocêntricos de uma igreja cristã que caminha a passos largos para um distanciamento cada vez mais perceptível de falta de respeito e amor ao próximo. Da mesma maneira, estamos distantes de termos uma consciência do valor da alteridade. Portanto, a despeito de outras possíveis reflexões, podemos refletir que a Trindade representa o amor de Deus na sua totalidade, na sua forma mais completa e abrangente. Na Trindade o Reino de Deus é revelado na figura central e histórica de Jesus Cristo abarcando toda a perfeição do divino.

Considerações finais

A TP acredita em outra concepção de Deus e que a teologia acadêmica diverge. A TP parte da inversão de papéis no que diz respeito às relações entre o ser humano e Deus, uma vez que Deus está à serviço das pessoas e não mais o contrário, onde o ser humano estaria à serviço de Deus. Isso trata-se de uma perspectiva inversa à teologia da graça, em que o sacrifício de Jesus Cristo inaugura a gratuidade, mas segundo a TP, não é suficiente, e assim, o sacrifício do dinheiro se torna um mecanismo para as pessoas atingir seus objetivos.

Segundo a TP, o desejo de Deus é que todos os seus filhos desfrutem de uma vida de saúde e prosperidade na terra. Saragoça afirma que:

[...] de acordo com essa teologia, o fiel só não será recompensado com dádivas se não tiver fé suficiente. Segundo essa orientação, deve-se exigir de Deus o que é seu por direito. É preciso querer e crer que aquilo que se busca é possível, e deve-se ainda agradecer antecipadamente, o que será uma demonstração de fé, de crença de que o 'pedido' já foi respondido.⁵⁸

Também observamos que a Teologia da Prosperidade apresenta afinidades com o pensamento neoliberal, demonstrando que prosperar, segundo essa tradição, corresponde a conquistar posses, dinheiro e outras formas de prosperidade segundo a lógica capitalista.

A Teologia da Prosperidade apresenta uma forma muito sedutora de cooptar fiéis. Ela induz o fiel a um empoderamento, passando a confiança de que ele pode conquistar tudo o que quiser, bastando crer para conseguir. Assim, sobre essa leitura, encontramos contradições relacionadas ao que nós apresentamos no artigo como sendo a Teologia acadêmica, em que há um estudo sistemático e sólido da Teologia que entendemos não haver esse estudo rigoroso na Teologia da Prosperidade, mas que não impede a de atingir e cooptar um número significativo de fiéis em contraponto as congregações tradicionais.

Antes de mais nada, antes de qualquer análise da aplicação e da representatividade que o dogma trinitário possa ter na vida das pessoas, em especial nos cristãos, precisamos situá-lo no cenário histórico-bíblico. Para isso, é necessário entender o que significa Trindade. Trindade, segundo a concepção até os dias de hoje aceita, é uma interpretação analítica das Sagradas Escrituras onde, através de passagens específicas, percebe-se o Divino, o Distinto, o Deus único, atuando concomitantemente com outras duas pessoas – o Filho e o Espírito Santo. Logo, temos Pai, Filho e Espírito Santo como sendo uma *ousia* de três *hipóstases*, ou seja, um único Deus de uma única essência, coabitando em três pessoas. Isso é Trindade. Há uma mensagem, um recado bem pragmático quando se trata deste assunto: “Deus é um ser distinto, mas igualmente relacional”. É tão distinto em sua grandeza que possui a mesma essência atuando na história da humanidade com o mesmo poder e glória desde a criação dos céus e da terra (Gn 1.1).

É desse modo, tão relacional, que decidiu descer e assumir a forma humana através de seu filho Jesus Cristo e se relacionar com sua criatura direcionando-a sempre para o sentido mais pleno do amor (João 3.16). Ele (Jesus) é o *logos* de Deus, o verbo encarnado, é o Deus que veio ao mundo para salvar, não para julgar, para libertar, não para aprisionar, para

⁵⁸ SARAGOÇA, Y. C. B. *Evangelizando homens de negócios: o pentecostalismo e o empresariado*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2004. p. 37.

ser o único Deus conhecido que coabitou com o ser humano na mais bela imagem de aventura que qualquer deus (em referência aos deuses criados e não criador) jamais poderia sonhar em realizar. Tudo isso deveria nos levar a refletir sobre nossa maneira de ser e de viver. Será que estamos vivendo neste mundo em perfeita harmonia com a terra, com os outros seres vivos e com os demais seres humanos? Será que estamos entendendo nosso papel, enquanto criatura, de desenvolver o amor, o respeito e etc. pelo nosso próximo? Será que estamos respeitando o meio ambiente e entendendo que tudo que somos faz parte de um plano maior que inclui igualmente o outro em sua maneira de viver, de estar, de ir e vir?

A pergunta sobre como o sofrimento afeta Deus está centrada na crucificação de Jesus Cristo, descrita no Evangelho. Percebe-se uma impotência nas palavras ditas na cruz. Essa passagem nos ajuda a ter claro que o nosso Deus não é um Deus trivial, que nos ajuda por milagres, mas é aquele que está com as vítimas até o final, é solidário com elas, está na sua dupla condição, alteridade e afinidade.

Em contraponto a TP parte da premissa que o sacrifício de Jesus Cristo não foi suficiente. As pessoas devem sacrificar seu dinheiro como forma de também buscarem seu bem estar no momento presente. Segundo essa lógica, o sacrifício único e irrepetível de Jesus Cristo não foi suficiente para que as pessoas sejam salvas, questão que discordamos ao longo de nosso artigo.

Diante disso buscamos explicitar contrapontos existentes entre a TP e a teologia da gratuidade uma vez que é importante buscar compreender como e por que o sacrifício do dinheiro e o imediatismo associado a isso preenche as lacunas que as congregações tradicionais não conseguem preencher e que também estão em um processo de esvaziamento, questionamentos importantes e pertinentes diante do avanço da TP e os desdobramentos decorrentes desse processo como um fenômeno atual e com grande impacto social e religioso na esfera privada e pública. Abrindo espaço para novas pesquisas e desdobramentos de hipóteses que possam buscar responder a essas questões que levantamos em nossa pesquisa.

Referências

ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas: Papirus, 1987.

ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: ensaio sobre Economia e Teologia*. Série V: desafios da vida na sociedade. São Paulo: Vozes, 1989.

BENEDICT, Ruth. *Padrões de cultura*. Petrópolis: Vozes, 2013.

-
- BERGER, Peter L. *Heretical Imperative: Contemporary Possibilities of Religious Affirmation*. Nova York: Doubleday, 1980.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do mundo moderno*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BOFF, L. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. São Paulo: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- CALVINO, J. *A verdadeira vida cristã*. São Paulo: Novo Século, 2000.
- CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado*. Organização e Marketing de um empreendimento neopentecostal. São Paulo: Vozes, 1997.
- CENCINI, Amedeo. *A arte de ser discípulo: ascese e disciplina – itinerário de beleza*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- DILON, Gláucio Ary; RAMOS, Paola Novaes. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, v. 23, n. 1, 2003.
- DUQUOC, Christian. *A Teologia no Exílio, o desafio da sobrevivência da teologia na cultura contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1996.
- GAEDE NETO, Rodolfo. *Teologia da prosperidade e nova era*. São Leopoldo: IEPG, 1998.
- GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GONDIM, R. *O evangelho da nova era*. São Paulo: Abba, 1993.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- HAGIN, Kenneth. *É necessário que os cristãos sofram?* Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1990.
- HANEGRAAFF, Hank. *Cristianismo em crise*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- LIBANIO, João Batista. *Introdução à vida intelectual*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996.
-

- MACEDO, E. *Estudos bíblicos*. Rio de Janeiro: Universal, 2000.
- MACEDO, E. *Vida com abundância*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001. p. 36; 54; 79; 84.
- MACEDO, Edir. *Aliança com Deus*. Rio de Janeiro: Universal, 2001.
- MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: Edições 70, 2008.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005. p. 83-109.
- MÍGUEZ BONINO, José. *A Fé em busca de eficácia*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- MOREIRA, Alberto da Silva. As Muitas Faces do Pentecostalismo. *Anais do Simpósio Nacional do CEHILA*, Goiânia, UCG, 2005.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Was ist der Mensch? Die Anthropologie der Gegenwart im Lichte der Theologie*. Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 1962.
- RAD, Gerhard von. *Sabiduria em Israel: Provérbios, Jó, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabiduria*. Madrid: Cristandad, 1980.
- SANCHES, Mário Antonio. O diálogo entre teologia e ciências naturais. *O mundo da saúde*, São Paulo, São Camilo, ano 31, v. 31, n.2, abr/jun, 2007.
- SARAGOÇA, Y. C. B. *Evangelizando homens de negócios: o pentecostalismo e o empresariado*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2004.
- SMITH, R. L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- SOARES, R. R. *As bênçãos que enriquecem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graça, 1998.
- SUNG, Jung Mo. Mercado religioso e mercado como religião. Revista Horizonte – Dossiê: Religião, Mercado e Mídia. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 290-315, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://200.229.32.55/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n34p290/6660>. Acesso em 27 ago. 2019.
- TOURAINÉ, Alain. *A busca de si*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2004.
- TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos?* Petrópolis: Vozes, 1998.
- WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

ZARKA, Yves Charles. *Difícil Tolerância. A coexistência de culturas em regimes democráticos*. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

ZILLES, Urbano. *Formação intelectual dos futuros presbíteros*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

ZILLES, Urbano. *História da Teologia Cristã*. Porto Alegre: Editora Suliani, 2014.

ZILLES, Urbano. *Teologia da Pregação*. Porto Alegre: Editora Suliani, 2013.

ZIZEK, Slavoj. MILBANK, Jonh. *A monstruosidade de Cristo: Paradoxo ou dialética*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

ZIZEK, Slavoj. *O Absoluto frágil. Ou por que vale a pena lutar pelo legado cristão?* São Paulo: Editora Boitempo, 2015.